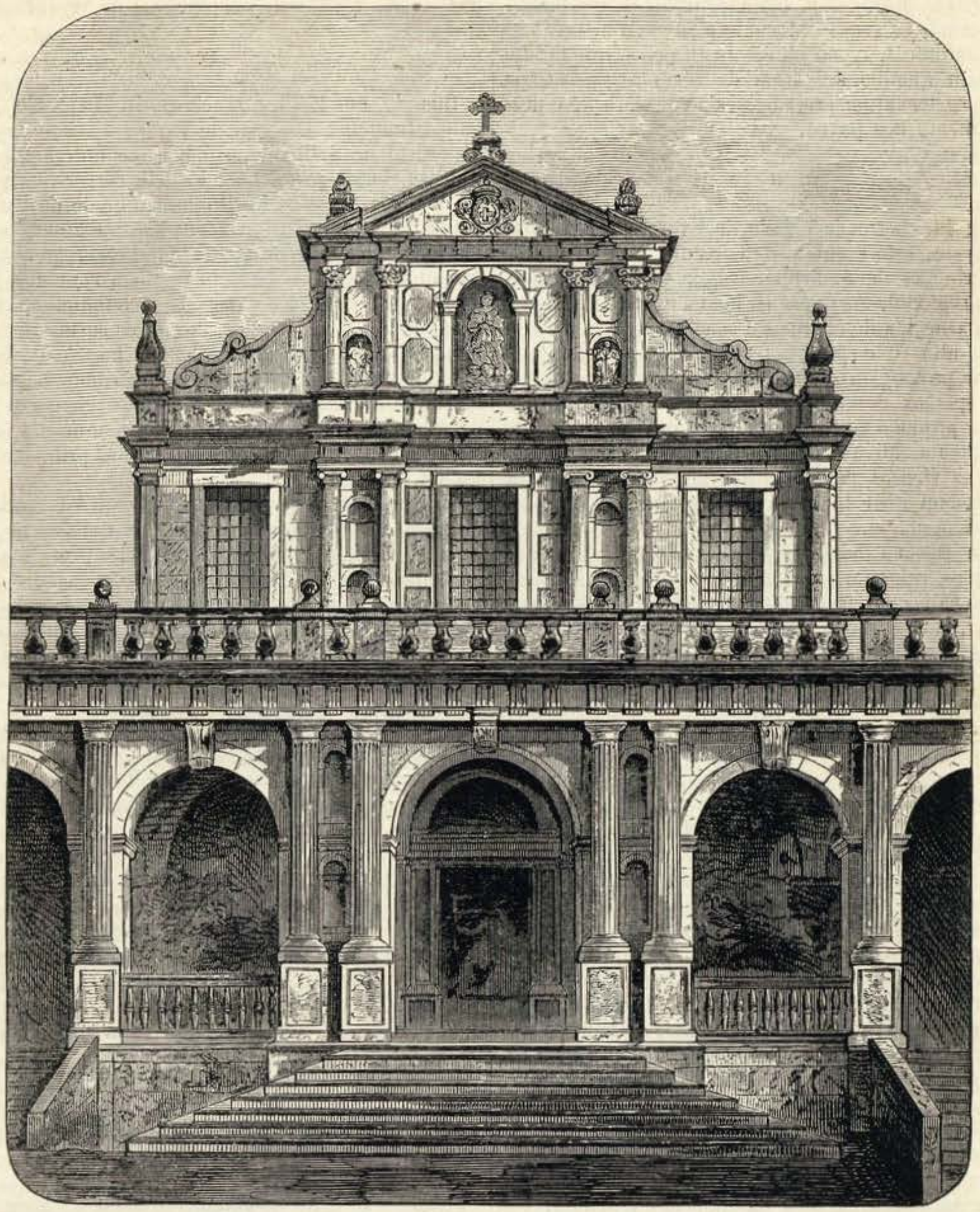


Fachada principal do convento da Cartuxa de Evora

CARTUXA DE EVORA

I

Ha trinta e quatro annos que foram supprimidas em Portugal as ordens religiosas.

Quando nos esquecemos dos males que fizeram, para sómente nos lembrarmos dos bens que produziram, entristece-nos a sorte das communidades, que por tantos seculos illustraram a patria com muitos varões insignes em letras e virtudes. Não é, porém, o mesmo lamental-as que desejar-lhes a restituição. Essa condemnâmol-a por incompativel com as condições actuaes das sociedades modernas.

Se as aspirações de todos os povos se traduzem hoje n'estas tres palavras —liberdade, trabalho, progresso—, quem ha de contrarial-as a ponto de as querer substituir pelas cadeias, contemplação e immobilidade da vida claustral? Se o augmento de população é uma das bases mais seguras da força e prosperidade das nações, quem ha de pugnar pelo celibato de muitos milhares de individuos, sequestrados do mundo pelas paredes sombrias dos conventos? Se, finalmente, ninguem duvida que os homens seriam felizes se praticassem á risca a maxima sublime do Evangelho —faze aos outros o que desejas que te façam—, quem poderá querer que muitos d'elles se apartem aos logares retirados e digam aos seus similhantes: «Trabalhae, caminhae, pensae por nós; cultivae a terra com o suor do vosso rosto para nos alimentardes; callejae as mãos nos processos da industria para nos fabricardes vestidos e objectos de que precisâmos; cançae o espirito, cobri-vos de cãs no estudo e solução dos problemas economicos e outros para nos assegurardes a paz e a tranquillidade; fazei tudo por nós, que a todo o vosso movimento, que nos sustenta e fortalece, correspon-

derá a nossa improductiva, constante e inabalavel inercia?»

O tempo dos frades passou. As congregações religiosas parecem-nos hoje tão anachronicas, tão impossiveis, como as cruzadas, como a cavallaria, como as ordens militares, como outras instituições que desappareceram quando deixaram de ser necessarias, ou quando se tornaram prejudiciaes á conservação e desenvolvimento dos povos.

II

A um kilometro da cidade de Evora, para a parte de noroeste, está a quinta da Cartuxa, antiga residencia de monges de S. Bruno, e hoje principio de uma eschola regional. Passa-lhe ao lado a estrada de Montemór, guarnecida de choupos e acacias. À direita aprumam-se altos e elegantes os arcos do aqueducto. À esquerda prolongam-se até grande distancia vastos ferregiaes planos e uniformes. Em frente empola-se o terreno, arqueia-se em numerosos oiteiros povoados de azinhos e oliveiras por entre as quintas e casas com seus viçosos pomares. Nos altos os moinhos de vento rodam com inalteravel monotonia as grandes velas triangulares.

É um passeio deleitoso pelo fim da tarde, quando os ultimos raios do sol doiram as eminencias, e enchem os valles, os arvoredos e as casas de mysteriosas sombras. A essa hora, propria para a meditação e recolhimento, encaminhemo-nos á Cartuxa. Os portaes estão patentes, os muros derruidos, os pateos cheios de herva; tudo nos indica um grande edificio ha muitos annos deshabitado.

III

Entremos no convento. Eis aqui novas paredes derrocadas, abobadas abertas ou abatidas, claustros sombrios, cellas que, na crescente ruina, conservam ainda os vestigios da solidão e penitencias de seus antigos moradores.

Essas poucas reliquias, que o tempo não acabou de destruir, desapparecerão em breve, quando as necessidades da civilisação moderna fizerem consummar este novo sacrificio das memorias saudosas do passado. N'um dia mais ou menos proximo, o visitante não encontrará n'aquelles logares, outr'ora consagrados á oração e penitencia, senão as simples e modernas construcções dos estabelecimentos agricolas, que transformam já na actualidade uma parte do edificio.

Se então viver ainda, porventura, algum dos antigos monges de S. Bruno, e entrar na casa onde passou melancolicos os dias da mocidade, achará, em logar dos canticos entoados com voz grave e triste na egreja, o ruido das machinas; em vez de longas meditações e austeras disciplinas no silencio das cellas, os estudos e trabalhos dos cultivadores nas aulas e nos campos; em vez de longos noviciados de jejuns e penitencias, a aprendizagem dos alumnos, entregues desde manhã até á noite aos lavores da agricultura.

Que sensações não experimentará esse homem reconstituindo de memoria o passado e comparando-o ao presente! Quantas lagrimas lhe não hão de correr pelas rugas que a mão do tempo e a indifferença dos homens lhe cavaram nas faces! E em sua edade avançada, cheio dos desenganos da vida, acabrunhado de desgostos, emmagrecido talvez pelo soffrimento da fome, terá a corajosa abnegação de nos perdoar a nós, os homens do progresso, o havermos-lhe destruido o seu rude ninho de abrolhos, roubando-lhe os companheiros da juventude e fechando-lhe a campa onde alfim iria repoisar? Poderá ver com sua vista cançada a importancia social da substituição, que nos não faz a nós esquecer, de todo, o sublime valor com que elle e outros homens do passado renunciavam aos commodos, aos gozos e prazeres da vida secular, para se cobrirem de borel e cingirem de cilicios, e se castigarem com jejuns e penitencias, e viverem na solidão das cellas, verdadeiros sepulchros de vivos?

IV

Quando, em 1598, o arcebispo D. Theotonio de Bragança fundou a Cartuxa de Evora, a indole primitiva da ordem de S. Bruno, como a das outras ordens religiosas, havia-se modificado pelo correr dos seculos. S. Bruno e todos os instituidores que durante a edade média adoptaram a regra de S. Bento seguiam o exemplo e os preceitos d'este patriarcha, empregando-se nos trabalhos ruraes, e fazendo tambem com que fossem a principal occupação das suas communidades. Aos grandes beneficios que prestaram os cartuxos e outros monges, na França e nas demais nações da Europa, aperfeiçoando a agricultura e arroteando o solo, não foram inferiores os que Portugal recebeu dos frades de Alcobaça, de Lorvão, de Tibães, e de outros mosteiros e conventos que existiam já nos primeiros seculos da monarchia.

Mas as riquezas adquiridas fizeram o trabalho desprezivel ás ordens religiosas, e a indolencia subsequente, dissimulada e justificada pelas praticas da vida contemplativa, foi o principio da degradação e a causa da quéda em que se precipitaram.

Assim, na epocha da fundação da Cartuxa, os frades, cedendo ao espirito dominante em todas as religiões, entregaram-se mais ao ascetismo da contemplação que ao trabalho util da agricultura. Isto foi no seculo XVI. A geração do seculo XIX pretende transformar as antigas cellas em aposentos de alumnos que aprendam os processos da agricultura, e se edifiquem moralmente, e se robusteçam physicamente com os trabalhos dos campos. A nova instituição — coisa notavel! — virá talvez a assimilhar-se mais á que S. Bruno fundou nas montanhas de Saboya pelos annos de 1082, que a degenerada imitação do arcebispo D. Theotonio. Salvar-nos-ha a geração do seculo XIX da decadencia a que nos arrastou a do seculo XVI? Tem força para tanto. Deus permitta que lhe não falte a vontade.

(Continúa) A. FILIPPE SIMÕES.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

(Vid. pag. 218)

XIV

UM RIVAL PESCADO NO MAR

Pedro tinha-se deitado ao mar, levado pelo generoso impulso de acudir ao desconhecido, prestes a succumbir por falta de forças.

O nadador avelomarense, cujo vigor para luctar com as ondas já conhecemos de muito, chegou no momento em que o naufrago se deixava afundar. Empolgou-o pela gola do collete, suspendeu-o acima d'agua, e, nadando, ora de lado com uma só mão, ora de costas, conseguiu dobrar o cabo formado pelos rochedos de Santo André e chegar felizmente á terra.

O padre Manuel metteu-se ao mar de sapatos e batina, e recebeu nos braços o desconhecido, que vinha sem sentidos. Depois de o pôr na areia enxuta, voltou-se para Pedro, abraçou-o com as lagrimas nos olhos, abraçou Maria, que tambem chorava de alegria, e, apresentando-a ao seu namorado, disse:

— Pedro, meu filho, dou-te licença que a abraces e que lhe dês um beijo.

O rapaz não esperou o fim do discurso. Atirou-se á moça como um lobo esfaimado e beijou-a muitas vezes. Ella córava... e deixava.

— Basta! Agora não lhe tornes a tocar antes de casar... que será breve. Corre a casa e traze algum do teu fato para vestir este pobre moço, que ha de andar pela tua edade; e traze tambem uma garrafita com aguardente. Vae depressa, completa a boa acção que começaste.

O rapaz partiu a correr, para voltar mais breve para junto da sua amada. O padre virou o naufrago com o rosto para o vento.

— É um bello moço! Ajuda aqui, cachopa; esfrega-lhe ahi esse pulso em quanto eu esfrego este. É lindo! E muito bem trajado! É talvez um fidalgo!

— Ai! como é bonito! exclamou Maria, que até então tinha estado a olhar para o caminho que Pedro seguira. É perfeito homem! Nunca vi nenhum assim! Parece uma cachopa disfarçada!... que eu nunca as vi tão lindas!

Tomou-lhe a mão para lhe esfregar o pulso, como lhe ordenára e estava fazendo o cura.

— Ih! Jesus! Que mãos tão finas! Não ha mercador na Povoa com ellas assim! Que unhas tão côr de rosa! Isto não são mãos de quem trabalha! Ai! Senhor! Que boca tão pequena e que rosto tão galante!

— Deixa de m'o namorar e esfrega-lhe o pulso, disse o padre sorrindo; senão, olha que faço queixa ao Pedro...

O naufrago abriu os olhos, que eram azues, grandes, bellos e rodeados de longas pestanas. Fitou-os na moça camponeza, depois no padre, e tornou a olhar para Maria, como se achasse prazer em contemplal-a. Esta fez-se muito vermelha e largou-lhe a mão, mas sem tirar os olhos d'elle.

— Acha-se melhorzinho? perguntou o padre Manuel.

— Muito melhor... acho-me bom, e bem...

Sentou-se na areia e olhou á roda de si.

— Quem me salvou? Pareceu-me ter visto um moço que me gritava do alto do rochedo...

— Já vem; foi buscar roupa para o senhor mudar e aguardente para o aquecer. É o noivo d'esta pequena.

— Ah!

Maria mudou novamente de côr e baixou os olhos.

— Quem sabe lá! disse ella comsigo.

O padre tornou a perguntar:

— Acha-se então melhor?

— Um pouco... Onde estava eu? Que terra é aquella que se vê lá em baixo?

— É Avelomar.

— Bonito nome! Avelomar? A quantas legoas fica o Porto?

— Cinco.

— Valha-me isso! Não escapou ninguem mais do navio em que eu vinha?

— Ninguem mais... infelizmente. São frequentes por aqui estes desastres quando faz tempo como o de hoje; e é raro escapar alguem. O senhor de certo teria a sorte dos outros se Deus não tivesse permittido que se achasse alli...

— O noivo d'esta menina, interrompeu o desconhecido. É a quem devo a vida.

— Deve-a tambem em parte ao sr. padre.

— A mim? Como?

— Porque se tivesse negado a licença que Pedro lhe pediu, não teriamos vindo a Santo André.

— Ah! sim!... é verdade.

E accrescentou mais baixo:

— Por causa das dúvidas, segui-os de longe. Não ha que fiar em rapazes... nem mesmo em raparigas.

O moço naufragado ergueu-se cambaleando.

— Sinto-me um tanto frio, disse elle; se o sr. padre tivesse a bondade de me dar o braço, iriamos andando para a povoação. Tenho pressa de me aquecer e de escrever para o Porto.

O padre Manuel amparou-o e pozeram-se todos tres a caminho para Avelomar.

— Seria bom mandar alguem vigiar estas praias, disse sorrindo o desconhecido; póde ser que as minhas malas se lembrem de apparecer por ahi á minha procura, e quem as achasse fazia-me um grande favor em trazer-m'as.

— Não o diga brincando, respondeu o velho cura; ás vezes chegam á praia os bahus fechados, tendo-se apenas molhado a roupa. Vou mandar recado ao regedor para que trate de guardar a costa, a fim de serem arrecadados todos os objectos que apparecerem; e eu mesmo voltarei dentro em pouco para tratar de enterrar os corpos que vierem á terra. As suas bagagens tem algum signal por onde possam ser differençadas das dos outros?

— Tem escripto com tinta o nome de Carlos Eugenio Ferreira, e por baixo Londres.

— Bem; se apparecerem, talvez não perca tudo.

— Carlos Eugenio? É o seu nome? perguntou timidamente a donzella.

— É. Sou filho de um negociante de Lisboa, e saí ha tres dias do Tejo, com destino para Inglaterra. A noite passada quizemos refugiar-nos do temporal, entrando no Porto; mas o mar era muito na barra, e não podémos tomal-a. Resolvemo-nos a ir para Vigo, e seguiamos soffrivelmente o nosso rumo, quando se notou que o navio tinha agua aberta. Quizemos virar para tentar novamente a barra do Porto, porém o vento tinha saltado para oeste e atirou-nos sobre um cachopo, no momento em que viravamos de bordo. O navio partiu-se em dois, espedaçando-se logo a parte da prôa, onde estava n'esse momento metade da tripulação; a outra metade ficou á ré, com o capitão, o piloto, outro passageiro e eu. O capitão dizia que se a pôpa se aguentasse até baixa-mar, sairiamos todos a pé enxuto. Infelizmente, apenas elle tinha pronunciado estas palavras, uma vaga muito grande esmigalhou os restos da escuna, como se fosse um cesto de vime; e eu fui arrastado, por entre mil destroços, com uma capoeira de gallinhas, a que me tinha agarrado. Vendo a terra perto, e confiando nas minhas forças e agilidade, larguei a boia que o acaso me tinha concedido e nadei com rapidez para a praia. Só muito perto, e quando já estava cançadissimo, foi que notei a impossibilidade de escalar os rochedos. Ia, pois, ser esmagado contra elles, quando o meu generoso salvador, com perigo da propria vida, se atirou ao mar para me acudir.

Pedro, que chegava a correr, ouviu estas ultimas palavras e respondeu com alegre franqueza:

— Eu estava fresco de forças e o senhor muito estafado. O que fiz fazia-o vossemecê no meu logar.

Carlos Eugenio abraçou-o cordialmente, replicando:

— Quem sabe? Os bons julgam que os outros tem como elles nobres sentimentos; mas convem não confiar demasiado nas pessoas que não conhecemos. Em todo o caso, devo-lhe a vida; o que fez por mim, as palavras que ha pouco disse, e a lealdade que se manifesta em todas as suas feições, fazem-me aspirar á sua amizade. Dê-me a sua mão.

Pedro estendeu a mão, sem comprehender bem metade do que dizia Carlos Eugenio. Este apertou-lh'a, dizendo com effusão do coração, que parecia sincera:

— De hoje em diante considere-me seu irmão. Chamo-me Carlos Eugenio Ferreira; sou filho unico, e meu pae é muito rico. Disponha de mim e de tudo quanto eu tiver, e cada vez que lhe for necessario um amigo verdadeiro encontral-o-ha n'aquelle que salvou da morte.

Pedro estava maravilhado do que ouvia; o padre Manuel enternecido; Maria enthusiasmada.

— O sr. Carlos diz coisas lindas; mas eu sou apenas um pobre pescador que mal sabe ler, e não fiz coisa que mereça esses agradecimentos. Qualquer da minha terra faria o mesmo que eu fiz.

— Pedro tem um nobre coração, senhor, disse o cura. É a todos os respeitos digno da sua amizade, porque merece a minha. E folgo de ver que o sr. Carlos Eugenio sabe apreciál-o, porque tem uma alma egual á d'elle.

Maria não se fartava de mirar o joven lisboeta e de repetir comsigo a cada instante:

— Meu Deus! Como é lindo moço!

— Pedro, disse Carlos bebendo um golo de aguardente que lhe apresentára o moço pescador, trata-me por tu e chama-me teu irmão, se quizeres que eu seja teu amigo e te agradeça o favor que me fizeste.

— Homem, pois eu hei de atrever-me?!...

— Que dúvida tens? Não te trato eu já assim?

— Lá isso é verdade... mas o senhor é outra coisa.

— Qual senhor?... Se não me fazes este pequenino sacrificio, julgo que me não queres para amigo porque te envergonhas da minha amizade.

— Não diga isso!... não digas isso! replicou calorosamente o rapaz. Honras-me muito até! Está dito, com os diabos! Vá feito como tu queres; trato-te como rapaz cá da terra, e já não ha mais vós, nem vossa senhoria, nem vossemecê!

— Assim é que eu quero. Agora previno-te de que não hei de morar senão em tua casa em quanto cá estiver, para te ter sempre ao pé de mim.

— Ó moço, isso agora é mais serio! A minha casa é pobrissima, eu vou todos os dias ao mar, e ficarias só... e aborrecido.

— Eu lhe farei companhia, disse o padre.

— Pois seja, tornou Pedro um pouco contrafeito; mas eu não o posso tratar conforme desejo...

— Tudo se ha de arranjar. Olhem como Deus é meu amigo! Ficou-me esta bolsa de prata na algibeira, e tem dentro umas dez ou doze libras. Já vês que não é preciso que faças sacrificios nem mesmo por um só dia. Toma lá; faze as despezas que entenderes; eu vou mandar vir mais dinheiro do Porto, e, em quanto elle não chega, gasta d'aqui.

Maria pasmava d'aquella grandeza. Pedro pegou machinalmente na bolsa, abriu-a e exclamou:

— Porém isto dá para comer um anno!

— Isso?! Isso gasto eu ás vezes em dois minutos, respondeu Carlos.

— Santo Deus! Então que comem vossês lá em Lisboa?

— Muitas coisas... Mais devagar te contarei. Agora estou com muito frio.

— Podia já ter mudado a roupa ahi dentro de qualquer d'esses barcos que estão na praia, observou Maria.

— É verdade, accrescentou o padre. Em vez de estarmos embasbacados a ouvil-o fallar, deviamos ter tratado de o pôr enxuto.

— É porque elle falla tão bem!... tornou a moça.

— Isso falla! Porém não é razão para o deixarmos constipar. Entre ahi n'esse barco.

— Não, respondeu Carlos; preferia ir para casa.

— Pois vamos depressa; tambem já não é longe, e o andar aquece.

Pedro, dizendo isto, deu o exemplo, encaminhando-se para a Aldeia Nova, onde era situada a sua casa. O padre seguiu-o, dando novamente o braço ao viajante; Maria caminhava ao lado d'este, sem tirar d'elle os olhos.

Desde que tornára a si, notou Carlos a insistencia do olhar da donzella, mas fingiu não dar por isso. Não lhe escapavam, todavia, os movimentos de admiração e interesse que inspirava á moça, e, caminhando, dava á sua physionomia uma expressão artistica de sentimento, que lhe devia alcançar ainda maior sympathia.

A sua entrada na terra foi quasi uma ovação. O povo corria de todos os lados para o ver, e as raparigas exclamavam sem ceremonia:

— Galante rapaz! Ai! Jesus! Como é bonito! Lindo moço! Olhem como é gentil! etc., etc., etc.

Maria, a principio, teve uma tal ou qual satisfação ouvindo aquelles comprimentos ao sujeito que seu noivo tinha livrado da morte. Pouco a pouco, porém, foram-lhe ferindo desagradavelmente os ouvidos, e por fim incommodavam-n'a devéras.

Quando chegaram á porta de Pedro ia a moça já furiosa com os elogios que as suas amigas teciam á formosura de Carlos Eugenio. Por quê? Isso não sabía ella, ou não ousava talvez interrogar-se a tal respeito.

Uma pessoa despreoccupada, que lhe podesse ler então no coração, diria, provavelmente, que ella ardia em ciumes.

(Continúa) F. GOMES DE AMORIM.

ILHA DE ISCHIA

Á entrada da bahia de Napoles, no Mediterraneo, a 12 kilometros S O. do cabo de Misene, está situada a ilha de Ischia, na latitude N. de 40° 43′, e longitude E. 11° 34′. No canal que a separa do continente, surge do seio das aguas a pequena ilha Procida.

Na antiguidade teve diversos nomes a ilha de Ischia. Ao tempo da fundação de Roma chamava-se *Pithecusa*, e em tempos mais remotos *Inarima*. Os romanos denominaram-n'a *Ænaria insula*.

A sua historia fórma um capitulo da da Italia, pois que passou pelas mesmas vicissitudes da visinha peninsula, até que se constituiu o reino de Napoles, ao qual ficou pertencendo.

É a maior ilha da bahia de Napoles. Tem de circunferencia 35 kilometros, e conta umas 24:000 almas. É capital da ilha uma pequena cidade, tambem chamada Ischia, que está sentada na costa de oeste, a 28 kilometros O S O. da cidade de Napoles. Encerra uns 3:000 habitantes; é séde episcopal, e foi outr'ora praça de guerra, como attestam as ruinas de uma grande fortaleza, edificada no seculo XV por D. Affonso V, rei de Aragão, e 1.° do nome como rei de Napoles, ao qual a historia concedeu o epitheto de *magnanimo*.

Desfructa a ilha de Ischia ares mui saudaveis; e os terrenos, dotados de grande fertilidade, produzem, entre outros generos que os seus habitantes consomem, legumes, diversidade de boas frutas e excellentes vinhos, que alimentam o seu commercio de exportação. Possue ricas minas de ferro e de enxofre, cuja exploração occupa grande numero de braços e tem feito prosperar esta ilha. Tem banhos thermaes, de muita efficacia para certas enfermidades, pelo que são mui concorridos, não só dos moradores da ilha, mas tambem de gente do visinho continente.

A ilha de Ischia é de origem volcanica, e durante muitos seculos foi theatro, de tempos a tempos, de terriveis erupções, que a cobriam de cinzas e lavas ardentes. E é esta a causa da prodigiosa fecundidade do seu terreno.

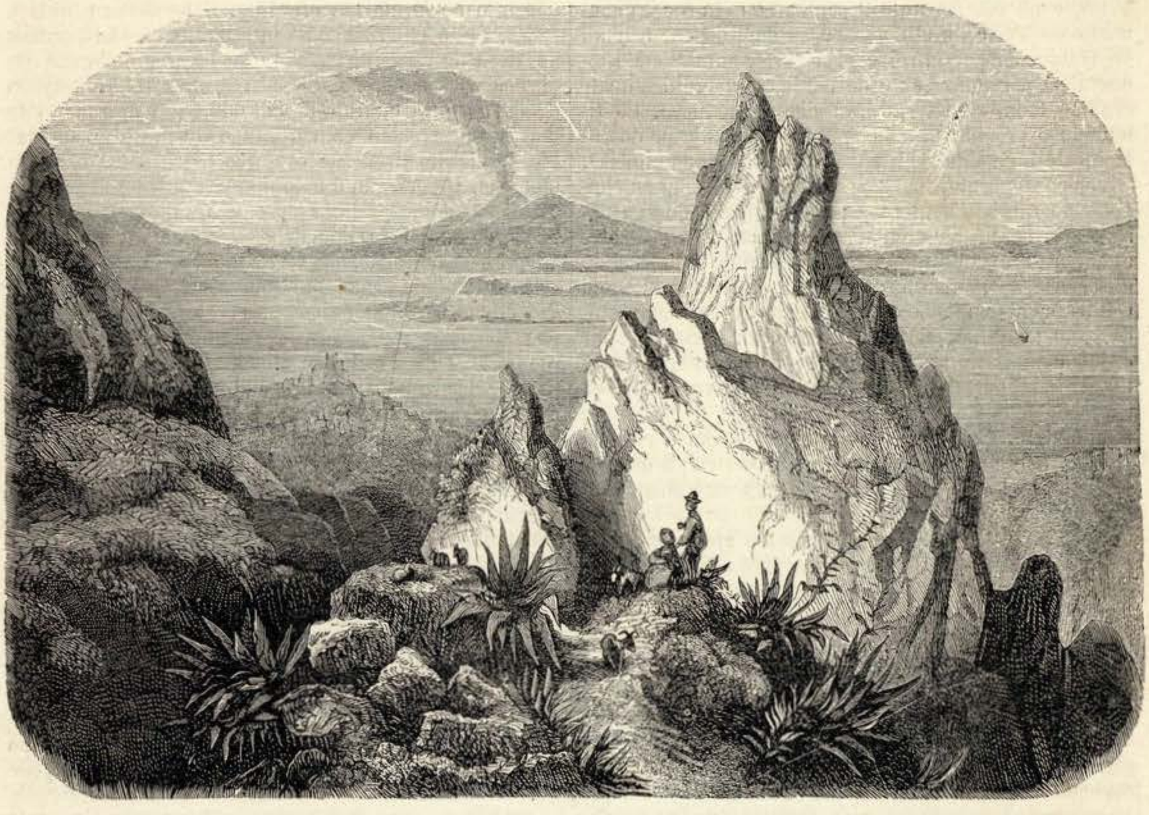
Levanta-se magestosamente no centro da ilha uma alta montanha, denominada *Epomeo*. É formada por doze pincaros volcanicos, dispostos em meio circulo, o mais elevado dos quaes sóbe a uma altura de 2:400 metros acima da superficie do mar.

Quem subir ao ponto mais alto d'esses agudissimos serros, que são accessiveis, e recompensam generosamente a fadiga da viagem pela formosura dos pano-

ramas que d'alli os olhos relanceiam, para qualquer lado que se voltem, não encontra vestigio algum de lavas, e, todavia, acha-se sobre um extincto volcão, não menos celebre em outras eras que o Vesuvio, que lhe fica fronteiro. As crateras por onde a montanha vomitava os fogos subterraneos abriam-se-lhe no dorso. Posto que muito alteradas pelas torrentes pluviaes durante o longo curso de mais de cinco seculos, ainda lá se mostram como profundos algares abertos nas encostas da serra. A ultima erupção succedeu no anno de 1303, e foi horrivel, pois que a precederam espantosos terremotos, e durante dois mezes, dia e noite, lançava o Epomeo por differentes crateras, ao som de medonhos ruidos subterraneos, densos turbilhões de fumo calliginoso e grossas torrentes de lavas inflammadas, que destruiam quanto encontravam na passagem, até se abysmarem nas aguas do Mediterraneo, enfurecidas com os successivos abalos da terra.

Morreram n'esta catastrophe alguns milhares de habitantes. A maior parte dos que escaparam, cheia de terror, e vendo destruidas as suas propriedades, fugiu para a terra firme, e assim ficou por muito tempo a ilha quasi abandonada.

Era a terceira vez que os seus filhos se expatriavam, açoitados pelo flagello dos terremotos e da lava assoladora. Da primeira vez foram victimas de tão horrorosos cataclismos os primeiros povoadores da ilha, vindos de Eubea, ilha da Grecia, no mar Egeo, defronte de Thessalia. Da segunda vez foi padecente uma colonia de syracusanos, que viera estabelecer-se na



A bahia de Napoles e o Vesuvio, vistos de cima de um dos serros do monte Epomeo, na ilha de Ischia

ilha de Ischia, e que, ao cabo de muitos annos de penosos trabalhos, quando tinha a terra bem povoada e agricultada, tudo viu confundido no pó das ruinas, sendo obrigada a procurar a salvação na fuga.

Estas foram as maiores erupções. Menores, mas causando sempre estragos, teve muitas o Epomeo. Porém, se o volcão já não ameaça os pacificos habitantes de Ischia, a temperatura elevadissima das suas nascentes sulphureas, algumas das quaes sobem a 70 graus de Reaumur; o calor que exhalam as areias em certos logares da costa; e, sobre tudo, os frequentes tremores de terra, provam de modo incontroverso que não está extincto o fogo nas entranhas d'aquella ilha.

Sobre o mais alto pinaculo da montanha campeia uma ermidinha de fabrica humilde, para a qual conduz uma escada toscamente afeiçoada na propria rocha. D'alli se avistam, em dilatadissimos horisontes, a formosa bahia de Napoles, semeada de ilhas, e com a cidade do seu nome reclinada em manto de perenne verdura, e banhada pelas ondas do Mediterraneo; o Vesuvio; os restos da antiga cidade de Cumes; as margens verdejantes dos rios Mondragone e Garigliano; o porto e cidade napolitana de Baia; o porto e cidade pontificia de Terracina; o porto e praça de guerra napolitana de Gaeta; os Abruzzos, celebres na ultima guerra civil do reino de Napoles; e, em fim, a cordilheira dos Apenninos.

Parte d'este maravilhoso panorama está representada em a nossa gravura, cujo desenho foi tirado do pé d'aquella ermidinha, e por essa razão mostra no primeiro plano um dos agudos serros do Epomeo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

LUXO E MAGNIFICENCIA DA CORTE DEL-REI D. JOÃO V

(Conclusão. Vid. pag. 220)

XIII

No reinado de D. João V dava-se o nome de carroças triumphaes, ou coches de triumpho, a uns coches muito grandes e mui ricos, abertos em todos os quatro lados, com cortinas em vez de vidros, e ador-

nados na trazeira e no jogo dianteiro com diversidade de estatuas allegoricas, de obra de talha doirada.

D'estas carroças triumphaes existem tres nas cocheiras reaes da calçada da Ajuda, para onde foram removidas, ha um anno, do antigo deposito dos coches reaes no Calvario. A gravura a pag. 5 representa a dianteira de uma d'estas carroças, e a gravura a pag. 121 é cópia da trazeira de outra das ditas carroças.

Cremos que estes coches de gala foram feitos expressamente para as festas do casamento del-rei D. João v. N'esta supposição, que se baseia em diversas razões, de que não faremos estendal para não enfadar os nossos leitores, deveriam estreiar-se taes coches na entrada publica da rainha D. Maria Anna d'Austria na cidade de Lisboa, depois do seu consorcio. Esta soberana chegou ao Tejo no dia 26 de outubro de 1708, e no dia seguinte desembarcou em o caes chamado do Forte, junto aos paços da Ribeira, e d'alli foi conduzida por el-rei e pela corte, caminhando todos a pé por uma ponte de madeira, magnificamente ornamentada, que terminava dentro do paço. Continuando o prestito na sua marcha pelo interior do palacio até á capella real, ahi se celebraram as nupcias.

Por conseguinte, não serviram os coches para a chegada da rainha, nem para a solemnidade do seu casamento. Porém n'esse tempo a etiqueta da nossa corte ainda prescrevia outra ceremonia solemne em obsequio da esposa do monarcha: era a da entrada publica da rainha, acompanhada de todo o apparato da magestade. Não tinha praso fixo esta funcção. Fazia-se, mais cedo ou mais tarde, logo que se achavam concluidos todos os preparativos para este acto festivo. Se era no inverno, tambem acontecia demorar-se á espera de bom tempo. Foi isto o que succedeu com a entrada publica da rainha D. Maria Anna d'Austria, a qual se realisou quasi dois mezes depois da sua chegada a Lisboa.

No dia 22 de dezembro do mesmo anno foram el-rei e a rainha em grande estado, precedidos dos reis d'armas, arautos, passavantes, porteiros da canna e da maça, auctoridades, justiças e nobreza, ao templo da sé, onde se cantou o *Te Deum*, fazendo-se as mais ceremonias do costume. O sol de um formoso dia de inverno fez realçar sobremaneira o luzimento d'esta pomposa solemnidade.

D. Antonio Caetano de Sousa, descrevendo esta funcção na *Historia genealogica da casa real portugueza*, diz que el-rei e a rainha iam em *o magnifico coche de triumpho*, accrescentando mais abaixo que *era o coche de uma nobre idéa*. Outros auctores chamam-lhe carroça triumphal.

Os tres coches ou carroças triumphaes, de que fallámos acima, differem dos outros coches antigos, tanto no feitio como no genero de ornamentação. Tem muito mais comprimento e largura que estes ultimos, sem que tão desmesuradas proporções lhes façam perder a elegancia. A obra de talha doirada, que nos segundos constitue a sua principal decoração, vendo-se distribuida por toda a caixa, tejadilho, jogo e rodas, está accumulada nos primeiros, e com muito mais profusão, no jogo principalmente, e depois nas rodas. A caixa e tejadilho são forrados externa e internamente de ricos estofos, com guarnições de obra de passamanaria de oiro ou prata.

O coche triumphal representado na gravura a pag. 5 tem o tejadilho e toda a caixa vestidos por fóra e por dentro de veludo carmesim, recamado de ornamentos de oiro em lindas cercaduras, e outras diversidades de desenhos. A parte superior do tejadilho é ornada nos angulos, em vez de maçanetas doiradas, com uns enfeites do mesmo veludo, a modo de plumagem. As cortinas, que, em logar de vidros, os vedam pelos quatro lados, são egualmente de veludo carmesim, com a mesma guarnição de oiro. Os assentos e almofadas, bem como o persevão [1], são forrados de veludo carmesim guarnecido de galões de oiro. Sobre o jogo, aos lados da almofada do cocheiro, erguem-se duas estatuas allegoricas doiradas. Na trazeira vêem-se lindos grupos allegoricos de figuras de vulto inteiro, tudo de obra de talha doirada, representando a Lusitania entre as estatuas da Fama, que a está coroando, e a Abundancia, que entorna seus dons liberalmente; e por baixo um dragão, e as figuras de um preto e de um musulmano, ambos nus e meio caídos por terra, a symbolisar, sem dúvida, os triumphos dos portuguezes na Africa e na Asia. O jogo é escarlate e doirado, e as rodas inteiramente doiradas, com variedade de lavores.

O outro coche ou carroça triumphal, cuja trazeira se vê em gravura a pag. 121, é mais rico, posto que não seja de fórma tão elegante. O tejadilho e toda a caixa, tanto exterior como interiormente, são forrados de tissú de oiro, guarnecido de lavores de prata, de obra de passamanaria. O tissú é um estofo mui lindo de fio de oiro, muito differente do que tem o nome de lhama, e parecido com o panno de linho no tecido. D'este mesmo tissú são cobertos os assentos e as almofadas. O persevão é todo de marfim, marchetado de metal em delicadissimos desenhos. Sobre o jogo, aos lados da almofada do cocheiro, estão duas estatuas allegoricas doiradas, de vulto inteiro e em pé. A trazeira é tambem ornada de figuras, compondo um quadro allegorico allusivo aos progressos dos portuguezes nas sciencias e nas artes. Avultam n'elle Marte; a Geographia com o globo, sustentada por Atlante; um tritão sobre um golphinho, empunhando a agulha de marear; varios genios, e um leão arremessando-se sobre um homem meio nu e caído por terra, talvez para symbolisar as nossas conquistas na Africa e na Asia, devidas á navegação e aos descobrimentos. Todas as figuras são doiradas e de excellente esculptura; e assim tambem as rodas, cujos raios representam peixes enlaçados com serpentes, que guarnecem os arcos das mesmas rodas. O jogo é escarlate e doirado.

O terceiro coche de triumpho é simillhante aos dois, que acabámos de descrever, na riqueza do estofo que o veste, e dos bordados, estatuas e mais esculpturas que o adornam. A trazeira d'este, representando o Olympo com o congresso dos deuses, é de um bello effeito. Fallaremos d'elle com mais particularidade quando nos for possivel mostral-o em gravura aos nossos assignantes.

Acham-se estes tres coches, infelizmente, bastante deteriorados, não tanto na obra de talha doirada, que pela maior parte se conserva com pouco estrago, como nos estofos e ornamentação dos tejadilhos e caixas, onde a acção do tempo e o vandalismo dos homens tem exercido cruel devastação.

Estes coches serviram pela ultima vez nos dias 2 e 11 de novembro de 1795, por occasião do torneio real que se fez em Lisboa, na praça do Commercio, para solemnisar o nascimento do principe da Beira, D. Antonio, que morreu menino, e era filho do principe D. João, depois rei, 6.º do nome, e da princeza D. Carlota Joaquina.

Não temos certeza onde foram fabricados estes coches; mas inclinâmo-nos a crer que são obra portugueza. A passamanaria achava-se então florescente em o nosso paiz. Tinha chegado a bastante perfeição, e empregavam-se n'este officio numerosos artifices, principalmente em Lisboa. O mesmo diremos da esculptura em madeira e do officio de doirador, que tinham feito notaveis progressos em todo o reino, graças ao uso, introduzido havia quasi tres seculos, e que, ao tempo a que nos referimos, estava em grande voga, de ador-

[1] Dá-se este nome á parte interior do coche, onde assenta os pés quem vae dentro.

nar as capellas e altares dos templos com obra de talha doirada.

A estatuaria em pedra achava-se então entre nós em deploravel atrazo. O primeiro esculptor que se applicou com alguma distincção a esse difficil ramo da arte, esculpindo em pedra e em madeira, foi José de Almeida, que el-rei D. João v mandou estudar em Roma, mas que não podia trabalhar nos mencionados coches, por ser criança de tenros annos quando se fabricaram.

Entretanto, não seja isto motivo de dúvida para se negar as honras de nacionalidade aos ditos coches, attenta a perfeição que, em geral, se observa nas figuras que os adornam. A obra de talha doirada, feita nos seculos XVII e XVIII, que se vê ahi por essas egrejas antigas de Lisboa, e que se encontra em maior abundancia n'outras terras do reino a que não chegou a terrivel influencia do terremoto de 1755; essa obra, dizemos, em que avultam muitas figuras de anjos e de animaes, de excellente desenho e primorosamente esculpidas, bem como varias imagens santas, que se veneram em differentes templos, provam sobejamente que ao tempo da acclamação del-rei D. João v já o nosso paiz possuia entalhadores capazes de executarem todas as obras de esculptura que vêmos nos ditos coches. Isto pelo que respeita propriamente á estatuaria; pois que, em relação á esculptura em madeira em baixo e em alto relevo, já por vezes temos alludido n'este semanario ao subido grau de perfeição que este ramo da arte attingiu entre nós nos seculos XV e XVI.

No começo do seculo XVIII existia em Lisboa, na calçada de Santo André, um laboratorio de esculptura em madeira, onde trabalhavam os mais afamados entalhadores que havia na capital, Jeronymo da Costa e Manuel Dias, natural de Braga, e cognominado *pae dos Christos*, em razão dos numerosos crucifixos que fez para diversas egrejas de Lisboa e das provincias, alguns dos quaes ainda hoje são apreciados pelo seu primor artistico. Estes dois artistas tiveram alguns discipulos, que fizeram honra aos mestres. Além d'estes, tambem se lhes juntaram, trabalhando na mesma officina da calçada de Santo André, outros entalhadores de merecimento, em que entravam um filho de Faro e dois portuenses.

Por conseguinte, ha todo o fundamento para suppor que a obra de esculptura dos tres coches de triumpho fôra feita n'aquella officina. Os dois annos que mediaram entre a ascensão del-rei D. João v ao throno e a solemnidade em que julgâmos que se estreiaram aquelles coches, era espaço de tempo sufficiente para se executar o referido trabalho esculptural, não obstante a sua importancia.

XIV

A gravura a pag. 221 representa um coche mui bonito, rico e esbelto, que nos parece ter pertencido ao infante D. Francisco, irmão del-rei D. João v.

Se as nossas conjecturas não nos induzem em erro, este coche de gala foi mandado fazer em Paris por aquelle principe ao mesmo tempo que el-rei seu irmão encommendou os outros coches para as grandes festas e visitas reaes que se celebraram no rio Caia em janeiro de 1729. Sendo assim, estreiou-se aquelle coche no dia 19 do referido mez e anno, conduzindo o infante D. Francisco, duque de Beja, no prestito real que saíu da cidade de Elvas para o Caia, onde se encontraram os reis de Portugal com os de Hespanha, e se trocaram as princezas das Asturias e do Brasil.

O infante D. Francisco foi o segundo possuidor da casa do infantado, muito augmentada em seu favor por el-rei D. João v, o que lhe proporcionou os meios para ter um estado opulentissimo. Por sua morte dois infantes lhe disputaram a herança: o infante D. Antonio, seu irmão, e o infante D. Pedro, seu sobrinho, filho del-rei D. João v. Os tribunaes deram a sentença a favor do segundo, cingindo-se á letra da lei, pela qual el-rei D. João IV creou a casa do infantado para ser possuida pelo filho segundo do soberano; e n'este caso se achava então o infante D. Pedro, que era immediato ao principe do Brasil, D. José.

Entrando este infante na posse d'aquella grande casa, ficou-lhe pertencendo o dito coche, do qual se serviu nas occasiões solemnes, no estado de solteiro, e depois de casado com sua sobrinha, a princeza D. Maria, que ao diante subiu ao throno com o nome de D. Maria I, dando a seu esposo o titulo de rei, com o nome de D. Pedro III.

O tejadilho do coche é guarnecido externamente com esculpturas doiradas, e oito maçanetas de metal doirado, quatro de cada lado. A metade superior da caixa é de obra de talha doirada, com bonitas figuras nos angulos, e com sete grandes vidros de Veneza, tres de cada lado e um na frente. A parte inferior da caixa tem paineis de boas pinturas, encaixilhados em ornamentação da mesma talha doirada. No meio dos paineis das portinholas estão os escudos das armas reaes de Portugal, mas com o banco de pinchar atravessando os tres castellos que ficam por cima das quinas.

Sendo o banco de pinchar distinctivo dos infantes, não se póde duvidar de que o coche pertenceu a um infante; e que este era D. Francisco, e não D. Pedro, attesta-o, além de outras razões, a fórma elegante e a ornamentação do mesmo coche, porque, quando o infante D. Pedro desposou sua sobrinha, já estava começada a decadencia do bom gosto na fabricação dos coches reaes; decadencia que foi progredindo até produzir as desengraçadissimas carruagens dos fins do seculo passado e principios do actual.

O interior do coche é todo forrado de magnifica seda bordada de oiro. Por todo o jogo brilha o oiro em variados relevos sobre fundo escarlate. A trazeira, de talha doirada, é uma das mais formosas que se admiram nos coches reaes. É muito engraçada no desenho geral, e a esculptura é primorosa.

Este coche acha-se no melhor estado de conservação. É um dos dezeseis modernamente restaurados, isto é, doirados de novo, porque tudo o mais existe em bom estado. Nos prestitos reaes em que tem saído, nos reinados da sr.ª D. Maria II, do sr. D. Pedro V e do sr. D. Luiz I, tem conduzido alguns dos officiaes-móres da casa real. I. DE VILHENA BARBOSA.

VILLA DA POVOA DE VARZIM

(Vid. pag. 196)

VIII

Um dos edificios que para logo captivam a attenção do viajante, ao entrar na villa, é, por sem dúvida, o dos paços do concelho. Está situado em uma bella praça, denominada *do Almada*, no centro da villa, e tem magestosa apparencia, como se póde ver na gravura que publicámos a pag. 65 d'este volume.

Foi fundado pelo honrado cidadão Francisco de Almada e Mendonça, no reinado da sr.ª D. Maria I, a qual mandou lavrar a necessaria provisão para esta obra aos 21 de fevereiro 1791, não só em attenção ao requerimento que lhe fizera o alludido Almada, senão tambem porque era notorio que, com o consideravel augmento da população, as diversas repartições municipaes e outras da villa não podiam já funccionar nos antigos paços, que eram em edificio pobre e acanhado, e de fundação do começo do seculo XVI.

O edificio dos paços do concelho, devido á iniciativa e ao patriotismo de Francisco de Almada, é de fórma quadrilonga, e de construcção mui custosa, se attendermos á epocha e ao local em que se foi levantando, pois que com elle se consumiram, aproximadamente, trinta contos de réis, mas tem muitas accommodações. Consta de um andar nobre, com muitas janellas bem rasgadas sobre outros tantos arcos de cantaria, que lhe servem como de peristyllo, e dão entrada para os diversos compartimentos terreos. Nas aguas-furtadas póde-se dizer que corre outro andar com bastante pé direito e numerosas divisões, que se podiam ainda aproveitar, e tem por vezes aproveitado em dependencias das officinas publicas.

Por cima da janella principal d'este edificio, e levantado na cimalha, está o brazão d'armas da villa. Não havendo na Povoa de Varzim o foral do sr. rei D. Diniz, nem tratando de tal brazão o do sr. rei D. Manuel, nem existindo outra memoria além do escudo, toscamente acabado, entre os que adornavam a fachada da egreja matriz de Villa do Conde, e representavam as armas d'esta villa, e as de Barcellos e Povoa, é claro que os que transplantassem o brazão da Villa do Conde para a Povoa podiam acaso tornal-o mais perfeito e completo, mas por fórma alguma alterar-lhe o padrão. Foi o que succedeu.



Brazão d'armas da Povoa de Varzim

O brazão d'armas que a camara municipal tem bordado no estandarte de que usa nas festividades publicas (e de que damos cópia na gravura junta), desde tempos remotos, só se parece com o que ainda deve existir na egreja matriz de Villa do Conde em ter uma ancora, um rosario, o sol e a lua, pouco mais ou menos em egual disposição. Com effeito, as armas da Povoa de Varzim, conforme a bordadura do estandarte municipal, tem por timbre, em campo azul, um rosario branco enfiado em cordão vermelho, com uma cruz de oiro, que serve de hastea a uma ancora de prata. No oval do escudo, e junto dos braços da cruz, vê-se do lado direito a figura do sol, e do esquerdo a da lua, sendo esta prateada e aquelle doirado [1]. O brazão é rematado por uma coroa ducal.

Funccionam actualmente no edificio dos paços do concelho, de que tratámos, as repartições da camara municipal, da administração do concelho e da fazenda; a recebedoria do concelho; as audiencias; e uma das aulas de ensino primario para o sexo masculino. A sala em que está a aula é mui vasta, e n'ella tem alguns curiosos povoenses, com a devida auctorisação, composto um theatrinho para as suas récitas, a que concorrem as principaes familias da villa. No mesmo edificio tambem está a cadeia do concelho.

Tem a villa uma fortaleza, que servia para defensa da enseada, e se construiu em logar de um fortim que no principio do seculo XVIII estava bem defendido por dois artilheiros e um tenente!

Esta obra, começada no reinado do sr. rei D. Pedro II, por instancias do governador das armas do districto do Porto, o mestre de campo Pedro de Vasconcellos e Sousa [2], só veiu a concluir-se quasi no fim do reinado do sr. rei D. João V, estando, todavia, as obras interrompidas por espaço de trinta e cinco annos (1703-1738). O que parece bem averiguado é que, tendo chegado ao conhecimento do sr. D. João V que o porto da Povoa de Varzim não tinha segurança, e que os trabalhos da indicada fortificação estavam havia muitos annos paralysados por falta absoluta de dinheiro, ordenou terminantemente (como então o fazia com relação a outras obras publicas de grandissima importancia, que serão de eterna gloria para o seu esplendido reinado) que se continuassem, o que se executou sob a direcção do governador das armas do districto do Porto, general D. Diogo de Sousa, o qual, para commemorar este facto, e por certo a sua solicitude no exacto cumprimento das reaes ordens, e os serviços patrioticos da sua familia, mandou que o brazão d'armas de que esta usava fosse levantado, como alli se vê, sobre a entrada principal da fortaleza.

No dia em que o sr. D. João V contava cincoenta e um annos, isto é, a 22 de outubro de 1740, verificou-se a ceremonia da inauguração da fortaleza, com as formalidades da ordenança, estando presentes o general das armas, outras auctoridades militares e civis, e o primeiro governador da fortaleza, n'aquella occasião nomeado interinamente, o sr. F. Felix Henriques da Veiga Leal [1], que só em 1752, não sabemos por quaes circunstancias ou razões, recebeu a sua confirmação em diploma assignado do punho do sr. rei D. José.

Consta a fortaleza de quatro baluartes com as necessarias cortinas: dois d'estes baluartes tem frente para o mar, e denominam-se *da Conceição* e *de S. Francisco de Borja*; e os outros dois dão para a terra, e receberam os nomes de *S. José*, e *S. Filippe e Diogo*. Dos flancos dos primeiros seguem dois lanços de muralha de 33 metros de comprimento, os quaes se juntam em angulo saliente para o mar, e assim formam uma bateria de 7 metros de largura e mais de 60 de extensão.

O estado d'esta fortaleza é hoje como o da maior parte das fortificações do reino, digamol-o com pezar. Quasi não tem artilheria, e consideram-n'a ha annos com tão limitada importancia, que já se construiram casas na esplanada.

Teve a fortaleza uma pequena capella, que pertenceu aos padres da companhia de Jesus, até que esta ordem foi extincta por um acto de singular energia do marquez de Pombal.

(Continúa) BRITO ARANHA.

Vereis a um homem triste, quando ainda se conta no numero dos vivos, descórado, pallido, macillento, myrrhado, as faces sumidas, os olhos encovados, as sobrancelhas caídas, a cabeça derrubada para a terra, e a estatura toda do corpo encurvada, acanhada, diminuida. E se elle se deixasse ver dentro da casa, ou sepultura, onde vive como encantado, vel-o-hieis fugindo da gente, e escondendo-se á luz, fechando as portas aos amigos e as janellas ao sol, com tedio e fastio universal a tudo o que visto, ouvido ou imaginado póde dar gosto.

P. ANTONIO VIEIRA.

[1] Vid. *Memorias historicas* já cit., pag. 23.
[2] Idem, pag. 42.

[1] *Loc. cit.*, pag. 43.